

## SWAIN, Tania Navarro. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2004, 104p.

Amazonas militantes, sapatas atuantes: uma introdução à condição lésbica<sup>1</sup>

*Daniela Schwarcke do Canto 12*<sup>2</sup>

*Anselmo Peres Alós*<sup>3</sup>

*Juliana Prestes de Oliveira*<sup>4</sup>

\* \* \*

O livro de Tânia Navarro Swain, *O que é lesbianismo*, começa com um questionamento comum a várias pessoas ainda hoje ao ver duas mulheres juntas: onde está a graça de duas mulheres sozinhas? O que elas podem fazer sem um homem para seduzir? Certamente devem estar esperando um homem, pois as mulheres apenas teriam existência em dupla com um homem... Como mulheres, esbarramo-nos com diversas situações no nosso dia-a-dia em que somos questionadas se realmente conseguimos fazer isso ou aquilo, se temos força, se temos aptidão, se não precisamos de um “homem forte e protetor”. Já tentaram levar um carro na oficina? Se és homem, tudo certo, com certeza vais entender a explicação do mecânico. Se és mulher, coitada! O mecânico (certamente um homem, porque essa é uma profissão de “homens”) nem vai tentar te explicar, porque certamente não entenderás! Duas mulheres juntas, então, Deus nos livre! O que elas fazem? Que tipo de amor tem? Como se relacionam? Como assim, sem um homem? E aí não falta alguém para dizer: “essa aí, nunca conseguiu um homem que gostasse dela,

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestra em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS e doutoranda em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria. E-mail: danidocanto@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM/Santa Maria -RS. E-mail: anselmoperesalogs@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português-Inglês, pela UTFPR/Pato Branco - PR, Mestra em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS e Especialista em TIC aplicadas à educação, pela UFSM/Santa Maria - RS. Atualmente é doutoranda em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS. E-mail: jprestesdeoliveira@gmail.com

por isso se relaciona com uma mulher”, ou “coitada, é mal amada”, ou ainda, “com certeza é infeliz”.

Para Swain, falar de lesbianismo é mais do que descrever práticas ou chegar a definições. É perceber como essa prática social se insere no mundo e na sociedade. Como essas mulheres são aceitas ou banidas. Como essas mulheres se veem e se enquadram na sociedade. A tradição trata o lesbianismo como um desvio, como uma aberração. Cabe à nós questionarmos tal tradição, desconstruindo a ideia de que só podem existir dois tipos de seres humanos: mulheres e homens. “Os olhos veem o que querem e podem ver através de uma ‘política de esquecimento’: apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época” (SWAIN, 2004, p. 15). A tradição cristã ensina desde muito cedo que Adão e Eva são o casal originário, determinantes do lugar de cada sexo. Eva, uma mulher fraca e sedutora, condicionada à dor por seus erros. Adão, o ser forte e dominante. Claramente vemos nesse exemplo a relação patriarcal binária. Dois polos marcados pela sexualidade e pela reprodução. Cada um com seu “papel” definido na humanidade como “natural”. O natural é o certo e o bom, porque é o natural. Qualquer coisa que “foge ao natural” é ruim e uma potencial ameaça às relações familiares.

A autora lembra que, na Atenas dos séculos VI-V a.C., as práticas homossexuais entre homens eram comuns e institucionalizadas. Nada consta na história, no entanto, da prática sexual entre mulheres. Para os atenienses, as mulheres eram seres menores, portanto, incapazes do nobre sentimento do amor. O que elas faziam, a quem se entregavam, constituía um fato insignificante. Já em Esparta, os homens e as mulheres viviam separados. As mulheres praticavam esportes e treinavam luta armada. Sabe-se que as espartanas dispunham de liberdade e direitos, e que também tinham acesso aos estudos e às artes. Já no mundo ocidental cristão, a homossexualidade masculina foi sendo banida até virar crime. Não se falava em homossexualidade feminina, pois isso seria uma coisa tão absurda que não

tinha uma palavra que a descrevesse. Era como se as mulheres que se interessavam por mulheres não fossem “mulheres”. Eram tratadas como “sodomitas”, sem direito a um nome nem a uma existência.

É importante salientar que, em algumas culturas, essa relação binária homem/mulher não existe. Swain (2004) cita uma cultura na qual o sexo da criança é determinado pelo nome que lhe é dado, sendo que só mais tarde ela vai optar pela sua preferência. A autora também menciona o caso dos índios brasileiros da época do descobrimento, que, segundo relatos de colonizadores, podiam escolher, independentemente do sexo biológico, qual o papel social lhes cabia melhor, estabelecendo-se como tal.

Recentemente, uma pesquisadora da U. C. Berkeley, na Califórnia, descobriu, na Rússia, túmulos datados de 500 a.C. nos quais haviam mulheres guerreiras enterradas com suas armas, corroborando a ideia de que as mulheres na antiguidade exerciam inúmeras atividades atribuídas, em princípio, somente aos homens. Constatação um tanto antagônica para um país que, nos dias de hoje, aprova uma lei que proíbe manifestações e a promoção da homossexualidade, impondo pesadas multas a quem fizer apologia à homossexualidade ou fornecer informações sobre gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais para menores de idade, e estuda a aprovação de uma lei ainda mais absurda, que iguala homossexuais a pedófilos.

Swain (2004) também aborda a questão de que pouco se tem na história sobre as mulheres fortes e guerreiras, e quando elas aparecem, é apenas na qualidade de mito, citando, entre outros exemplos, as amazonas na Grécia antiga e as índias brasileiras da época do descobrimento, consideradas mais ferozes do que os homens:

Como poderia este sexo frágil e dependente dar origem a guerreiras poderosas e ousadas, temidas por heróis como Hércules e Teseu? Mito. Como poderiam guerreiras temerárias às margens do Rio Amazonas enfrentar e afugentar os espanhóis, segundo narra Francisco de Orellana? Mito. E, sobretudo, mulheres que dispensavam os homens, requisitando-os eventualmente para ritos procriadores? Mito. Mulheres capazes de defesa e ataque, autônomas e

temidas adversárias, partilhando suas vidas e emoções entre si? Mito (SWAIN, 2004, p. 22).

Ou seja: é mais fácil tratar como mito do que realmente lidar com o fato de que existe uma equivalência homem/mulher que acabaria de vez com a sociedade patriarcal. Ao tratar das amazonas brasileiras, Swain (2004) cita o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que as trata como *virago*, que seriam mulheres que se parecem com um homem, com características que tentariam “imitar” as masculinas, classificando-as ainda como portadoras de um “homossexualismo latente”. Mais uma vez, parece-nos claro que é mais fácil negar a possibilidade do que assumir que existem mulheres tão fortes quanto os homens, tão capazes quanto os homens e que, conseqüentemente, não precisam dos homens para viver, desfazendo, assim, as “leis” do sistema patriarcal.

O que é uma lésbica por definição? Swain (2004) explica que houve um tempo em que *lésbicas* eram as mulheres nascidas na ilha grega de Lesbos, onde morava Safo, poeta cuja inspiração era a sua paixão e desejo pelas mulheres. Ela mantinha uma escola para moças, onde elas aprendiam a arte da poesia e da música. Mesmo considerada uma das maravilhas da antiguidade pelos seus contemporâneos, a obra de Safo foi quase inteiramente destruída e apagada dos livros de história e da memória, restando apenas um poema completo e alguns poucos fragmentos de outros.

Mas o que é então, ser lésbica? Na segunda parte do livro, a autora toca nesse ponto. Quem se considera lesbiana e quem é assim considerada? Ela cita Anna Freud, filha e herdeira de Freud no desenvolvimento da psicanálise, que dizia não ser lésbica, mas que apenas se apaixonara por outra mulher. Swain aponta para um fator importante na questão da definição “ser ou não ser lésbica”: apenas em 1973 a *American Psychological Association* retirou o homossexualismo de sua lista de doenças, o que no Brasil aconteceu somente em 1999, quando o Conselho Nacional de Psicologia proibiu os terapeutas de tentar mudar a orientação sexual de seus pacientes. Esses fatos mostram o

quanto seria compreensível uma pessoa negar seus impulsos sexuais. Anna Freud, apesar de nunca ter se declarado lésbica, viveu durante 25 anos com Dorothy Tiffany Burlingham, com quem criou um centro de referência em tratamento psicanalítico para crianças.

Ao tentar responder à questão “o que é ser lésbica”, mais uma vez, a autora pondera que, ao nomear, ao classificar as lesbianas como “não-natural” ou como uma doença, criou-se um espaço para a sua existência, possibilitando uma identificação, um encontro, levando muitas mulheres a finalmente “sair do armário”, deixando, assim, de sufocar suas emoções. Swain afirma que o lesbianismo não pode construir uma identidade, pois é uma prática sexual. As relações serão diferentes para cada pessoa, não havendo um perfil definido. Cada relacionamento responderá a determinadas expectativas, obtendo resultados diferentes: “Quem sabe a emoção despertada possa ser um indício, emoção restrita ou plural, num outro caminho livre de definições” (p. 95). A resposta, portanto, não existe: existem emoções, opções e orientações. Cada pessoa escolhe o seu caminho, seu destino, sua libertação.

Recebido em março de 2020.  
Aprovado em julho de 2020.